



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E
LÍNGUAS CLÁSSICAS**

**A TRANSIÇÃO DA LINGUAGEM DE SURDOS GESTUANTES PARA A
LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

STEFANY DA SILVA MARQUES

Brasília - DF

2019

STEFANY DA SILVA MARQUES

**A TRANSIÇÃO DA LINGUAGEM DE SURDOS GESTUANTES PARA A
LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Língua de Sinais Brasileira-Português como segunda língua, como requisito parcial à obtenção do Grau de Licenciada pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento

Brasília – DF, 2019

TERMO DE APROVAÇÃO

STEFANY DA SILVA MARQUES

**A TRANSIÇÃO DA LINGUAGEM DE SURDOS GESTUANTES PARA A
LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Língua de Sinais Brasileira – Português
como Segunda Língua, como requisito
parcial à obtenção do Grau de Licenciado
pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra Patrícia de
Faria do Nascimento

Banca examinadora:



Profa. Dr.^a Sandra Patrícia de Faria do Nascimento (UnB/LIP-IL)
Presidente da Banca



Prof. Ms. Messias Ramos Costa (UnB/LIP-IL)
Membro Interno

Aprovado em: 10 de julho de 2019.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às minhas primas surdas, com as quais tive minhas primeiras experiências e contatos de comunicação em “linguagem gestual espontânea”. Essa experiência se estendeu a algumas amigas surdas que também se comunicavam utilizando gestos. Somente tempos depois entrei em contato com a LIBRAS – Língua de Sinais Brasileira, da qual me tornei fluente, e me inseri na cultura, comunidade e identidade surdas. A LIBRAS fez toda a diferença em minha vida, e estou de mente aberta para a experiência visual, para conhecer e viajar do mundo dos surdos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por haver permitido que tudo isso acontecesse ao longo da minha vida e por sua luz que guiou os meus passos e continuará sempre me mostrando o caminho certo. Também, por me haver ensinado muito de sua Palavra e pela força que me tem dado para superar minhas dificuldades, pois sem Ele esta jornada não teria sido cumprida. Sou-lhe muito grata por esta conquista!

Agradeço a meus amados pais Aldenor e Ana Ceres, que me conceberam, pelo sustento de vida, amor, carinho, esperança, confiança e, principalmente, pelas orações. Eles aceitaram e me incentivaram a mudar para Brasília, a fim de estudar para ter sucesso. Eles acreditam que sou capaz, me admiram com alegria, me oferecem todo seu amor e apoio incondicionais. E é assim que aprendemos a ser nós mesmos e a enfrentar o mundo e a vida.

Aos meus queridos irmãos Micael e Saymon pelo amor incondicional; crescemos juntos e compartilhamos toda nossa vida sem medo e com vontade, e por nossas conversas em Libras, com carinho.

Aos meus avós Raimundo e Maria Carmo, que me deram amor, carinho e admiração.

Aos meus amados tios Mariano e Elda, que são como meus pais espirituais. Eles são presentes de Deus para mim, e me ensinam e aconselham a caminhar. Sempre estiveram ao meu lado, me incentivaram, me ajudaram, me apoiaram, cuidaram de mim e me fizeram acreditar que nada é impossível. Vocês são guerreiros, maravilhosos pais que me tratam como sua filha. São pacientes comigo, proferem e me ensinam palavras positivas de Deus. Também me estimularam a entrar e estudar na UnB. Sou e serei eternamente grata por seu carinho e amor e pelo muito que dedicaram a mim.

Aos meus primos maravilhosos Siza, Adna e Ebenezer, que me apoiam, ajudam, motivam a estudar, a desenvolver na vida, compartilham de meus sonhos e contribuíram para que o sonho da faculdade se tornasse realidade.

Ao meu pastor e conselheiro Pedro Antonio. Eu serei sempre grata, porque sem os seus ensinamentos tão sábios eu não teria conseguido me erguer. Ele me ensina a permanecer forte na presença de Deus e no propósito divino para minha vida. Também me aconselha, cuida do meu coração. Com ele, aprendi a corrigir meus erros, meus caminhos, minha vida, minha história.

“Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio” (Salmos 90.12).

Agradeço à minha querida tia Eliã, por todo forte apoio, dedicação e incentivo. Ela se desdobrou em esforços para me ajudar durante meus passos para ser uma vencedora, por ter esse carinho tão grande por mim. Ser-lhe-ei sempre grata.

A minha querida vovó Enedina, que sempre foi o meu maior exemplo de fé e determinação nessa vida e encheu meu coração de amor, todo o carinho e esperança.

Agradeço especialmente à minha grande amiga e ex-professora Cinthia Gomes Soares, por todo o seu apoio esforço, pela paciência com que me ensinou que passou por todas minhas dificuldades, pelo puxão de orelha, sempre me aconselha, me incentiva para estudar para ter sucesso, aprender muitas coisas e compartilhar suas experiências. Fui bem sucedida em meus projetos graças a você. Essa história traz muitas marcas para minha vida. Tenho eterna gratidão.

Agradeço a todas as professoras da Escola Classe 21 de Taguatinga, inclusive Romilda, Raimunda e Cláudia, que ajudaram meus tios Elda e Mariano na busca do conhecimento da LIBRAS e da compreensão do mundo do surdo e sua cultura.

Às minhas professoras Cristina Bianchi e Juliana Gessi, por me levaram para conhecer a Universidade de Brasília – UnB. Amei esse lugar e aquela visita me fez sonhar em estudar na UnB, sonho quase tornou realidade.

Às professoras Sandra Patrícia Nascimento e Hellen Andrade, por me permitirem entrar no CED 06 de Taguatinga e estudar português com os alunos surdos do Ensino Médio. Elas me incentivaram, me ajudam com todo carinho.

À Elemregina Moraes, que inaugurou um cursinho de pré-vestibular em Libras onde deram dicas importantes para eu me preparar para o vestibular. O resultado: passei na UnB e agradeço, de coração, pela torcida.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento, que sempre acreditou em meu potencial, me apoiou, incentivou, proporcionou grandes oportunidades e me proporcionou desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

A minha amiga Lúcia Sousa que aceitou participar da minha pesquisa para a realização desse trabalho em seu projeto de alfabetização de Surdos - Estrutural/DF, que jamais me negou apoio, carinho e incentivo. Minha eterna gratidão. Esse TCC também é sua!

Minha amiga e parceira Maria Callado, pelo tempo de amizade na nossa sala de aula, na UnB, pelos relacionamentos juntos, por compartilhar nosso trabalho e nossa experiência. Agradeço por me acompanhar e me apoiar com todo o carinho e amor.

Minhas amigas Ingrid e Lauana, pelo nosso relacionamento, convívio e por não me deixaram desistir dessa pesquisa. Discutimos juntas esse trabalho de conclusão.

Sou grato a todos os professores que contribuíram com a minha trajetória acadêmica, especialmente à Profa. Dra. Enilde Faulstich, responsável pela orientação do meu projeto de pesquisa como pesquisadora do Programa de Iniciação Científica – PIBIC. Que imensa alegria conseguir o prêmio de um certificado de Menção Honrosa – PIBIC. Agradeço por me apoiar, me ajudar, me incentivar por acreditar e esclarecer tantas dúvidas e ser tão atenciosa e paciente.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento, por um período de tempo, de pesquisa que desenvolvi no PIBIC, pela oportunidade de fazer o projeto e pela maravilhosa experiência.

À Universidade de Brasília, que ao longo da minha formação, ofereceu um ambiente de estudo agradável, motivador e repleto de oportunidades.

Aos meus irmãos em Cristo, do grupo de Mãos que Falam, com os nossos líderes Sônia e Warberson, que me estimularam durante todo e entenderem os momentos, meus tempos dedicado aos estudos e minha faculdade. Obrigada por toda compreensão, carinho, amor e força, recebida na Igreja ADET – Taguatinga.

Aos meus colegas de sala da LSB-PSL - UnB, obrigada pela ajuda em vários momentos de dificuldade e pelo carinho.

Obrigada a todos vocês.

EPÍGRAFE

[A língua de sinais], nas mãos de seus mestres, é uma língua extraordinariamente bela e expressiva, para a qual, na comunicação uns com os outros e como um modo de atingir com facilidade e rapidez a mente dos surdos, nem a natureza nem a arte Ilhes concedeu um substituto à altura. Para aqueles que não a entendem, é impossível perceber suas possibilidades para os surdos, sua poderosa influência sobre o moral e a felicidade social dos que são privados da audição e seu admirável poder de levar o pensamento a intelectos que de outro modo estariam em perpétua escuridão. Tampouco são capazes de avaliar o poder que ela tem sobre os surdos. Enquanto houver duas pessoas surdas sobre a face da Terra e elas se encontrarem, serão usados sinais.

*J. Schuyler Long
Diretor da Iowa School for the Deaf
The sign language (1910)*

“Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o SENHOR, teu Deus, é contigo por onde quer que andares.”

Josué 1:9

RESUMO

Esta pesquisa observa o processo de aquisição da linguagem de surdos gestuantes mantidos isolados do convívio social, mediante o fato de possuírem apenas uma linguagem espontânea com a qual interagem, de forma básica e elementar, com pessoas próximas. Partimos da hipótese de que esses surdos necessitam interagir-se com a sociedade e saírem dessa condição de isolamento; precisam, mais especificamente, ter contato e relacionar-se com surdos sinalizantes, a fim de que possam passar dos gestos para os sinais, isto é, da linguagem espontânea para a língua de sinais, de forma natural, o mais cedo possível. Por meio da observação de um surdo gestuante, em Brasília e da análise de filmes baseados em histórias reais de pessoas surdas e não surdas e documentários de um surdo africano, confirmamos a necessidade de ações que promovam o contato de surdos em isolamento linguístico com a língua de sinais, a fim de que adquiram a língua de sinais, não sejam privados do contato com a sociedade e nem sejam submetidos à exclusão social. Assim, é preciso proporcionar o encontro desses surdos com outros surdos que desenvolveram a língua de sinais brasileira naturalmente, no convívio com outros surdos, a fim de desenvolverem linguagem e pensamento sem nenhum prejuízo.

Palavras-chave: Gestualidade, Gestuante, Língua de sinais, aquisição da linguagem e isolamento linguístico.

SIGLAS

ASL – American Sign Language

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

USL – Ugandan Sign Language - Língua de Sinais Ugandense

UNAD – Uganda National Association for the Deaf

CEAL – Centro Educacional de Audição e Linguagem Ludovico Pavoni

CEF 04 – Centro de Ensino Fundamental 04 de Taguatinga

CED 06 – Centro Educacional 06 de Taguatinga

INOSEB – Instituto Nossa Senhora do Brasil

UnB – Universidade de Brasília

PAS – Programa de Avaliação Seriada

CESPE – Centro de Seleção e de Promoção de Eventos

SISU – Sistema de Seleção Unificada

DF – Distrito Federal

PAS – Pais de Surdos

L1 – Língua 1

LISTA DE FIGURA

Figura 1 – Surdo Africano – Patrick Otema.....	22
Figura 2 – Patrick foi primeiro contato em LSU.....	24
Figura 3 – Patrick tornou-se sinalizante de LSU.....	25
Figura 4 – Filme “A Maça”.....	27
Figura 5 – Filme “O garoto Selvagem”.....	28
Figura 6 – Filme “O enigma de Kaspar Hauser.....	29
Figura 7 – Filme “Nell”.....	30
Figura 8 – Surdo Gestuante de Estrutural – DF.....	45
Figura 9 – Atividade Visual.....	46

Sumário

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1.1. Gestualidades comunicativas dos Surdos.....	16
1.2. Signos Gestuais e Gestos Caseiros.....	20
1.3. Casos de surdos com isolamento linguístico	21
1.4. Sinopses de filmes que tratam de contato entre línguas.....	25
1.5. A diferença na aquisição de sinais não verbais e sinais verbais pelos surdos.....	31
CAPÍTULO 2- PERCURSOS METODOLÓGICOS	
2.1. Tipo de Metodologia: Estudo de Caso.....	34
2.2. Memorial: como eu adquiri a língua de sinais brasileira.....	35
2.3. Elementos para o estudo de caso.....	41
2.4. Diário de campo com surdo morador da Cidade Estrutural.....	41
CAPÍTULO 3- ANÁLISE DE DADOS	
3.1. Analogia com os filmes que tratam de contato entre línguas: uma análise intuitiva e retrospectiva.....	49
3.2. A influência de língua de sinais no desenvolvimento da linguagem e do pensamento dos surdos	52
3.3. Análise dos dados à luz da fundamentação teórica.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

A aquisição da linguagem é o processo pelo qual uma pessoa adquire uma língua, juntamente com seus valores, crenças e regras, que permite que essa pessoa adquira conhecimentos de cultura da família e da sociedade. Segundo Villa (1995), este conceito foi introduzido nos estudos sobre a aquisição da linguagem devido à necessidade de se considerar o papel semântico da fala, visto que a sintaxe por si só não explicaria as produções linguísticas que são sintaticamente corretas, porém não são empregadas na fala. A criança desenvolve um sistema sensorial, incluindo a visão e audição, alcança um nível linguístico, cognitivo e de socialização, principalmente quando entra para escola e tem maior oportunidade de interagir com outras crianças.

De acordo com Austin (1952-1990), a linguagem deve ser analisada no ato da fala, no contexto social e cultural no qual é usada, com uma determinada intenção e de acordo com certas normas e convenções. Os surdos vivem uma relação à distância da comunidade surda que não sabiam língua de sinais que existia uma língua valorizada ausência de convivência dos surdos. A aquisição de linguagem por Surdos são processos das suas línguas realizados que aprendem com as pessoas surdas sinalizantes dos primeiros contatos com a língua de sinais.

Em pesquisa, Quadros (1997, p.70) identifica que é importante que crianças surdas recebam um *input* linguístico¹ adequado para que seja garantido o processo de aquisição. A origem e desenvolvimento da língua de sinais, registrados em memórias da vida de Surdos apresentam grandes batalhas pela afirmação da sua identidade, da comunidade surda, da sua língua valorizada e da sua cultura, até alcançarem o reconhecimento que têm hoje.

O objeto dessa pesquisa é o processo de aquisição da linguagem gestual por surdos que vivem no interior, em municípios distantes da capital, sem contato nenhum convívio com os surdos sinalizantes, que têm cultura própria, identidade e comunidade surda, com reconhecimento do direito reconhecido em Libras, como relata a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é oficial língua dos surdos brasileiros.

¹ *Input* linguístico são informações e experiências linguísticas que a criança recebe de seu meio social.

De acordo com a Lei, a Libras deve ser publicizada e todos da comunidade precisam conhecer este idioma. No interior, muitos surdos nunca tiveram contato com a Libras; uma maioria, usa gestos para se comunicar e interagir com alguns membros da comunidade onde vive.

Essa realidade nos lembra Sacks (1998) ao identificar que muitos surdos que nunca tiveram contato com a língua de sinais, pois esta não lhes foi apresentada, não têm cultura própria; vivem isolados, pois praticamente ninguém interage com eles. Os surdos fluentes em línguas de sinais lutam por seus direitos, têm grande inteligência e capacidade para a comunicação e a percepção e compreensão visual do mundo.

A comunicação gestual de surdos em isolamento, entretanto, é uma linguagem gestual espontânea e visual, por excelência, e carrega traços icônicos extraídos de imagens do mundo real, fotografias, estátuas, desenhos figurativos etc. Trata-se, simplesmente de uma comunicação gestual básica, não muito mais além disso. Assim, os que não têm língua, produzem gestos.

A demonstração das formas de comunicação de surdos em situações de isolamento e a falta de acesso desses surdos ao contato com uma língua de sinais mostram a relevância dessa proposta que analisa filmes e documentários de pessoas em situação de isolamento linguístico e no processo da influência de uma língua de sinais. Por causa de preocupação com os surdos que não sabem Libras, porque nunca tiveram contato com os surdos fluentes em Libras. Grande parte das vezes a falta de contato acontece porque em cidades pequenas carentes falta desenvolvimento e a educação é ineficiente.

Muitas vezes, não há preocupação com os alunos surdos e nem com sua cultura. Não se pensa em adaptação e não se procura uma didática adequada para o ensino aos surdos. Os surdos isolados, sem contato linguístico e sem vivências em língua de sinais, vivem com limitações para a comunicação. Portanto, como é possível desenvolver a linguagem? O principal locus de contato com os surdos sinalizantes acontece em cursos, na escola, nas associações etc., onde as pessoas surdas e ouvintes aprendem, conhecem e constroem e convivem em comunidade.

CAPÍTULO 1

1.1 - Gestualidades comunicativas dos Surdos

A maioria dos surdos vive longe da capital do estado, em comunidades onde ninguém sabe LIBRAS, ou seja, a Libras é ausente, só utilizam a linguagem gestual e corporal, considerada sem valor e vivem sem interação com comunidade surda. O surdo fala em gestos, tem pensamentos diferentes dos pensamentos dos não surdos, tem linguagem diferente da linguagem dos não surdos, tem comunicação diferente da comunicação dos não surdos.

Muitos, não possuem cultura, com a Libras, a leitura surda, artes surdas, história dos surdos, educação dos surdos etc. Não têm identidade própria, muitas vezes nem sabem que como seria identidade surda, pois não se reconhecem como surdos e nem sabem o que significa ser um Sujeito Surdo.

Surdos isolados, sem identidade surda parecem fadados a vítimas de suas limitações, das barreiras comunicativas, sociais e familiares, às quais são submetidos; possuem baixa autoestima e destacam o que há de ruim em sua relação com o meio. Poucos não se importam com suas limitações.

Além disso, carecem de informação, compartilham poucas experiências com outras pessoas que conhecem a comunidade Surda e encontram dificuldades em alguns lugares. Esses surdos sem uma língua forma, desenvolvem gestos espontâneos, criados no ambiente familiar, pois não têm contato com a língua falada por seus familiares. Não sabem o que vem a ser o grito, o barulho etc.

Sem acompanhar e nem desenvolver a língua falada em sua família, são preponderantemente visuais. É fácil identificar algumas das iconografias gestuais que representam dentro de casa. Assim sendo, os surdos vivem como sua família; vestem os mesmos tipos de roupa, escovam os dentes, tomam banho, brincam com crianças, comem sozinhas, cozinham, namoram, cuidam de seus bebês, fazem compras, andam, mexem em tudo o que querem e podem.

Na verdade, tudo em cópia do seu modelo familiar, quer dizer, copiam o que veem na família, o jeito da família, o comportamento humano. Infelizmente, não aprendem uma língua real. Nossa língua materna é única da língua de sinais quando contato com os surdos sinalizantes ou conviver com comunidade Surda.

De acordo com Albares e Benassi (2005, p.4), a comunicação Gestual Caseira ou Linguagem Caseira é conhecida por muitos estudiosos como gestos limitados e realizados por surdos que não têm e/ou nunca tiveram contato com a língua de sinais. Os surdos passam a adquirir uma linguagem gestual espontânea ou linguagem caseira, é algum sentimento de significado atenda à necessidade de comunicação expressa por seus gestos. Todavia, não têm gramática própria e aqueles estão procurando as competências de língua para a comunicação e linguística que constatam a ausência de comunicação; não sabem que existe uma língua do povo Surdo, que aqueles inovam os gestos próprios, no entanto distanciam-se da realidade abstrata, sem funcionamento linguístico. Segundo Sacks (1998, pg. 58) a ausência de uma língua genuína (embora, com certeza houvesse bastante de um tipo primitivo, usando os sinais nativos, que ele e seus irmãos haviam criado, os quais constituíam um sistema gestual complexo, mas quase sem gramática).

Os surdos sem língua de sinais comunicam-se por meio de gestos, que seguem o pensamento concreto, a partir da percepção visual. Quando o cérebro concebe os gestos espontâneos ou gestos caseiros para comunicação no lar, é possível refletir sobre como surge o pensamento abstrato, que só entender alguns os sentimentos e emoções. Por exemplo: zangado, medo, chorar, exausta, tristeza, alegria, desprezar-se, que os surdos consigam expressar os gestos escassamente, que a percepção das expressões faciais e os corporais para compreender para que a pessoa surda sinta e entenda. Portanto, as expressões faciais e corporais representam uma interrogação, exclamação, negação e afirmação.

A comunicação do corpo se faz em grande parte pelos recursos aos gestos. "Gesto" provém do latim *gestus* ("maneira de proceder", "atitude", "movimento expressivo") que é forma nominal do verbo *gerere* ("ter consigo", "executar", "produzir"). Entre os gestos, o aceno é, possivelmente, um dos mais conhecidos. "Acenar", do latim vulgar *accinare*, significa "fazer movimentos com as mãos, a cabeça e/ou os olhos, para avisar, mostrar, dar a entender". (RECTOR, 1990. 23p)

Os surdos gestuantes têm comunicação gestual, portanto têm expressão facial, ação, movimento, e classificação, por esse motivo eles apenas observam, tocam e suas ideias se referem aos elementos concretos que se elaboraram os gestos espontâneos.

O pensamento abstrato que criou as ideias e os conceitos não apresenta semelhanças e não dependem de regras. Para Platão, a abstração cria nossas ideias, os conceitos que se referem à realidade de maneira genérica e formal.

Os gestos têm limitação de expressar conceitos abstratos, alguns não sabem o que é amor, que não quer dizer namorar, nem “transar”. Alguns sabem o significado de amor em contexto das relações sociais, lembrando minha prima surda que me dizia que tem sentimento de amor por seu filho, sente preocupação, segura e cuida. Se a pessoa não amou, não teve um namorado ou um ex-namorado, entende o amor como sentimento sem explicação.

Os surdos gestuantes não conseguem expressar seus sentimentos abstratos conceitos abstratos infreqüentemente e não conseguem expressar os gestos que não é só entender gestos como sinais ou palavras. As línguas de sinais têm de expressar ideias abstratas, concretas sem limitações, emoções, pensamentos e posições.

Seguindo a definição proposta por Lyons (1981, p.252), a aquisição da linguagem é o "processo que resulta no conhecimento da língua nativa", pois tal língua não é ensinada, mas adquirida naturalmente. A língua de sinais é uma língua existente, as crianças surdas passam por um processo de aquisição de língua de sinais naturalmente que consegue perceber a visual pelo mundo dos surdos. Os surdos gestuantes têm potenciais de percepção pelos surdos sinalizantes ou fluentes em língua de sinais, já adquirem a seguir observação de línguas de sinais, se possível de compreender a perceber os sinalizantes.

Para Vygotsky, o desenvolvimento da língua e das capacidades mentais não era aprendido, do modo ordinário, nem emerge por epigênese, possuindo, em vez disso, uma natureza social e mediata, emergindo da interação de adulto e criança e internalizando o instrumento cultural da língua para os processos de pensamento.

Segundo Silvia (2013), a língua de sinais, como sistema simbólico, é considerada específica ao indivíduo surdo, que, por signos de natureza gestual, espacial e visual, traduz os processos de percepção e apreensão da experiência do mundo vivido pela criança surda, desprovida da capacidade auditiva e, portanto, não tem como apreendê-la

naturalmente. A língua de sinais é um sistema linguístico, o estudo do Stokoe em 1960, descobriu que tinha gramáticas próprias: sintaxe, fonologia, fonética, e os parâmetros da American Sign Language – ASL. As línguas de sinais passaram a serem vistas como línguas de fato. Stokoe pesquisou uma análise no nível fonológico, fonética e morfológico. Uma linguística estava apresentando os elementos linguísticos de uma língua de sinais e tem cada própria gramática dos países.

No Brasil, as comunidades dos surdos são compostas de inúmeras pessoas fluentes em LIBRAS, que convivem naturalmente com os ouvintes. Muitos interagem socialmente com os surdos, mas desconhecem o “mundo dos surdos”. As diferenças entre surdos e ouvintes são apenas diferenças de línguas.

A respeito da Lei nº. 10.436, de abril de 2002, reconheceu a Língua Brasileira de Sinais, no qual determinou que fossem garantidas formas institucionalizadas de apoiar o uso e a difusão da LIBRAS como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Segundo Quadros (1997, p.27), se a língua de sinais é uma língua natural, adquirida de forma espontânea pela pessoa surda, em contato com pessoas que usam essa língua, e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais.

Há, contudo, uma preocupação dos surdos que vivem em municípios ou cidades do interior com dificuldades de comunicação com a família, com a sociedade, e na escola que não têm apoio. O desafio da língua dos surdos é sentir sua língua viva; caso contrário, sente-se sem desenvolvimento linguístico.

Dessa maneira, a concepção bilíngue linguística e cultural luta para que o sujeito surdo tenha o direito de adquirir/aprender a LIBRAS e que esta o auxilie, não só na aquisição de uma segunda língua (majoritária), mas que permita sua real integração na sociedade, pois ao adquirir uma língua estruturada o surdo pode criar concepções e oportunidades, participando ativamente do convívio em seu meio (DIZEU & CAPORALI, 2005, p. 592).

Os surdos têm dificuldade de comunicação sem língua, onde tem língua de sinais? Infelizmente, onde não existe língua de sinais, a consequência é ausência de informação e ausência de convívio e de conhecimento dos surdos fluentes em Libras que ensinar e de aprender uma língua existente, como uma língua de sinais que dar valor a língua dos surdos. A LIBRAS é uma língua natural para os povos surdos, é viva, independente, reconhecida por lei e pelos estudos linguísticos, por isso deve ser respeitada.

Além disso, atende à necessidade de comunicação como qualquer outra língua. Tal língua surge pelos mesmos ideais, as necessidades naturais e específicas dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações (Quadros,1997). Assim, comunidade de surdos desenvolveu a sua língua de sinais ao longo dos tempos, assim como cada comunidade de ouvintes desenvolveu a sua língua oral, como seria assim comunidade gestualidade de surdos gestuantes desenvolveram os gestos espontâneos se tornam uma língua desconhecida? Os gestos pelos surdos gestuantes são capazes de transição por língua de sinais, descubrem sua língua corretamente.

1.2. Signos Gestuais e Gestos Caseiros

O signo gestual é a expressão da linguagem visual que demonstra seu corpo e os gestos básicos. O movimento do corpo tem relacionado a comunicação não verbal, é capaz de se expressar utilizando o seu corpo, através de expressões faciais, posturas corporais, e gestos que são de caráter do comunicador. Os gestos caseiros são criados pelos surdos com família no lar ou tem parentes surdos, assim como sinais caseiros, é a comunicação gestual desenvolvida por surdas gestuantes e isolados, as vezes comunicar os gestos com outros surdos poucos quando nem tinham contato com a língua de sinais, chama linguagem caseira, pode relacionar com o signo gestual que é algo jeito mesmo.

Que coisa semelhante de cultura que se chama ``gestos caseiros`` ou ``sinais caseiros`` ou linguagem caseira pelos surdos gestuantes, de acordo com Albares e Benassi (2005, p.243), são gestos criados pelas pessoas surdas em seus ambientes familiares para se comunicar com os sujeitos mais próximos. Essas sinalizações podem mudar de acordo com as experiências do indivíduo com surdez, uma vez que, a realidade e as vivências de cada um são diferentes ao levar em consideração a sua origem e os costumes de sua família. O Rio Grande do sul no Brasil há uma família surda mais velha que nós surdos fluentes, eles comunicam de sinais caseiras, como costumes e sua cultura, que compreende sua história de família surda expressou utilizando dos sinais caseiros.

Segundo Tervoort (apud BEHARES; PELUSO, 1997, p. 54),

[...] os sinais caseiros constituem-se em um recurso simbólico convencional, compartilhados somente por uma mãe e uma criança, não compreensíveis pelos usuários de nenhuma das línguas utilizadas no contexto social de sua inserção.

Os sinais caseiros são constituídos em famílias surdas ou entre pessoas surdas e seus familiares, no processo de aquisição espontânea, por isso têm um papel importante no desenvolvimento histórico e cultural no contexto familiar e de convívio. A possibilidade de contato, aquisição e conhecimento por meio da língua de sinais tem uma influência linguística, de forma a substituir gesto (naturais) por uma língua que, também, genuinamente, é natural.

De acordo com Vygotsky (1993, p. 108), “[...] a linguagem possui além da função comunicativa, a função de constituir o pensamento. [...] o processo pelo qual o indivíduo adquire a linguagem segue no sentido do exterior para interior, do meio social para o individual.” Portanto, os gestos possuem uma linguagem e pensamento porque os surdos gestuantes expressavam os gestos, antes de pensamento e linguagem da comunicação gestual.

Ademais, afirma que

[...] O significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento. (VYGOSTSKY, 1998, p. 151).

É comum definir-se a comunicação gestual como uma “expressão do pensamento por meio de movimentos visíveis, mas não audíveis e de dar a esta expressão um lugar entre a fala e a escrita” (W. WUNDT, 1973: 55).

A comunicação gestual é fundamental do pensamento que o cérebro percebe os objetos icônicos para expressar linguagem gestual que os surdos têm pensamentos próprios que criam a expressar os gestos que é linguagem visual.

1.3. Casos de surdos com isolamento linguístico

Essa é a realidade para muitos surdos que nunca aprenderam língua de sinais, alguns não conseguem comunicação por qualquer pessoa, sentem barreiras de comunicação,

difícilidade de vida e isolada que é ausência de relacionamento com convivência com os surdos.

Pessoas surdas isoladas que não haviam conseguido aprender nenhuma língua: suas evidentes incapacidades intelectuais e, tão grave quanto isso, os reveses no desenvolvimento emocional e social que podiam vitimá-las na ausência de uma língua ou comunicação autêntica. (SACKS, 1998: 49)

Um documentário apresenta a interessante história do Patrick Otema, que, tendo nascido surdo profundo, nunca aprendeu uma língua para interagir com as pessoas. Ele viveu na zona rural, distante de Uganda, um país próximo ao mar, no leste da África, sem escolas para surdos por isso nunca aprendeu língua de sinais, portanto nunca foi capaz de ter uma conversa com ninguém até os 15 anos de idade. Ele vive sozinho na sua cabana, isolado do mundo.

Figura 1 – Surdo Africano – Patrick Otema



Fonte: Vídeo: “Patrick Speaks”²

Em 2014, a jornalista Kiki King conheceu algumas crianças isoladas do país, as pessoas ajudando seu trabalho, encontrou esse surdo isolado, sem comunicação. Convidou um surdo chamado Raymond, professor da Ugandan Sign Language (USL) - Língua de Sinais Ugandense, e o programa de TV, Unreported World acompanhou a visita desse professor surdos à comunidade de Patrick e produziu um vídeo sobre a vida dele.

² O documentário completo do Channel 4, "Unreported World: 15 and Learning to Speak", sobre a história de ensino de LSU do Patrick no Uganda disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ji-xWXkWOM>. Acesso em: 22 de novembro de 2014. Também, o mesmo tema pode ser encontrado em: <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=destaques&idt=rep&iddest=236>.

O Patrick teve dificuldade da vida porque não consegue de ser capaz de fazer qualquer coisa, e ausência de comunicação e nem informação. O pai dele não sabe o que fazer com ele; só faz gestos com ele, mas não conseguiu desenvolver sua vida. Então, os gestos simplificados são fracos e não têm como chegar ao conhecimento. Ele sempre sentiu sozinho e ficou triste; por isso não tem como resolver sua vida para transformar sua mente vazia e nunca pensarem o ``mundo dos surdos``. Portanto, a Jornalista Kiki e o professor Raymond ajudavam Patrick, acreditou que é possível ensinar USL para ele, disse o Raymond. Eles acreditam que o Patrick é capaz de aprender e mudar sua vida, convidar para conviver com os surdos e deram um curso de ULS. A jornalista Kiki King (2014) disse neste vídeo sobre a vida do Patrick:

"O destino de Patrick não é incomum". "À maioria das pessoas surdas na África Subsariana nunca foi ensinada a língua gestual. Incapaz de se comunicar com os outros, eles estão presos nas suas próprias mentes".

O Patrick foi à sua primeira aula de LSU, assistindo à sua primeira aula na Uganda National Association for the Deaf - UNAD, uma associação de surdos ugandeses. Ele começou a entender LSU, é uma língua existente dos povos surdos, percebeu aquele professor ensinou cada sinal dos animais no quadro da parede para outros alunos surdos aprenderam e copiam os sinais que o professor ensinou. O Patrick sente satisfeito de entender a aula de LSU, começou a buscar os sinais e aprendeu a soletrar o alfabeto, sente alegria que parece sua mente aberta e sente liberdade de expressar comunicar em LSU. O pai dele concordou isso que é importante Patrick aprendeu LSU para comunicar com as pessoas que sabem LSU ou os surdos sinalizantes, aceitou a apoiar seu filho surdo e deixou frequentar na UNAD para aprender nova coisa, desejar aprender LSU mais, relacionar entre professor e os surdos, como ``Bem vindo ao mundo dos surdos``. É um caminho diferente para encontrar sua língua e entender não é único surdo, tem muitos surdos que precisam aprender língua de sinais e a convivência dos surdos.

Figura 2 – Patrick foi primeiro contato em LSU



Fonte: Youtube

Os surdos isolados que nunca ir encontram sua língua porque ninguém apoiar e levar para um lugar encontrada, quando os surdos solitários só permanecem sozinhos e um lugar mesmo que nunca conhecer outro lugar e nem contado com surdos na fora da zona rural, que não têm conhecimentos sobre habilidades de convívio social e convívios surdos. Quando o Patrick fez matriculado no curso de LSU e ele disse "*aprendi muito e estou muito feliz*". Porque ele descobriu sua língua natural, tem competência de desenvolver para comunicar habilidade, fazer novos amigos surdos e acreditou em capaz de viver como os ouvintes. Segundo autor Sacks (1998, p. 99) encontramos na língua de sinais, em todos os níveis – léxico, gramatical, sintático -, um uso *linguístico* do espaço: um uso que é espantosamente complexo, pois boa parte do que na fala ocorre de modo linear, sequencial, temporal, na língua de sinais torna-se simultâneo, coincidente, com múltiplos níveis. As línguas de sinais são sistemas linguísticas e do povo Surdo que todos os surdos precisam de conhecer sua própria língua natural e experimental de comunicação com comparação de gestos e no processo de conhecimento língua visual. Os surdos isolados sentem-se ignorados pelo convívio social e sofrem por ficarem sozinhos, pois não há na sua vida, ainda, espaço sua cultura, sua língua, sua crença, sua identidade e seus direitos.

A situação das pessoas com surdez pré-linguística antes de 1750 era de fato uma calamidade: incapazes de desenvolver a fala, e portanto “mudos”, incapazes de comunicar-se livremente até mesmo com seus pais e familiares, restritos a alguns sinais e gestos rudimentares, isolados, exceto nas grandes cidades, até mesmo da comunidade de pessoas com o mesmo problema, privados de alfabetização e instrução, de todo o conhecimento do mundo, forçados a fazer os trabalhos mais desprezíveis, vivendo sozinhos, muitas vezes à beira da miséria, considerados pela lei e pela sociedade como pouco mais do que imbecis — a sorte dos surdos era evidentemente medonha.(SACKS,1998: 27)

Os surdos isolados moram com suas famílias, mas sentem sozinhos mesmos que rejeitar contato com social e as famílias não esforçavam para buscar informação sobre a vida de

surda, tem espaço dificuldade que não consigam a buscar as informações, é distancia da cidade que ninguém conhecer língua de sinais e o isolamento torna o surdo dramaticamente, nunca experiência de língua de sinais.

Figura 3 – Patrick tornou-se sinalizante de LSU



Fonte: Youtube

O Patrick desenvolveu sua língua, buscou a experiência da sua vida e sua história de primeiro contato com LSU, sentiu satisfeita de conviver com as colegas surdas. Ele transformou a vida, língua, identidade, cultura e o processo de pratica ser coragem para mostre seus direitos, ele quer apoiar para outros surdos isolados que ensinar LSU, é importante chamar outros surdos para conviver social surdo da UNAD. De acordo com autor Sacks (1998, pg.9) começou a expressar interesse sobre a língua dos surdos “É fácilimo aceitamos como natural a língua, a nossa própria língua – talvez seja preciso encontrarmos outra língua, ou, melhor dizendo, um outro *modo* de linguagem, para nos surpreender, nos maravilhar novamente. Sacks acreditou no extraordinário potencial da língua de sinais dos surdos, realizada pelo acesso visual, natural, uma língua valorizada, complexa e genuína, uma língua da comunidade Surda.

Apenas existe língua de sinais transformarem, os gestos nunca vão desenvolver e isolados nunca ajudar. É importante que precisamos ter luta pelos direitos linguísticos dos povos surdos em todo o mundo.

1.4. Sinopses de filmes que tratam de contato entre línguas

O processo de aquisição da linguagem humana com base nas teorias linguísticas. Segue uma lista com vários filmes relacionados a aquisição de linguagem de pessoas surdas

isoladas, que passam a se relacionar com sociedade e a ter contato com outras pessoas que já adquiriram uma língua própria, com competência linguística. Outras pessoas perdem seu contato com língua, o prejuízo no processo da aquisição da linguagem já terá ocorrido. Nós refletíamos sobre o que acontecem esses filmes, é realidade aconteceu no mundo? Os seres humanos perdem seu contato com língua ou não têm uma língua própria, como acontecem nos processos dos humanos vividos ou tornam pessoas selvagens? Têm os surdos selvagens no mundo? Acho que é um interessante discurso sobre o assunto relacionado com os filmes, os documentários e os livros, que demonstramos a comparação com os surdos sem línguas de sinais. Também o Sacks perguntou sua reflexão sobre os seres humanos sem línguas, como seria impossível com os humanos que não sabem comunicar bem? Os humanos selvagens vivem na floresta que aprendem seu comportamento com os animais, permanecem um espaço como acostume e permanecem viver sem desenvolvida. Tem outros contextos que os humanos não são selvagens e vivem no espaço urbano, mas nunca tiveram contato social, ninguém aprendeu sua língua. Sacks questionou:

O que é necessário, eu me perguntava, para nos tornarmos seres humanos completos? O que denominamos nossa humanidade dependerá parcialmente da linguagem? O que acontece conosco se não aprendermos língua alguma? A linguagem desenvolve-se de um modo espontâneo e natural ou requer contato com outros seres humanos? (SACKS, 1989, p.49)

Acreditamos que os humanos selvagens e não selvagens são capazes de aprender a falar da sua língua e desenvolver uma vida torna aprendizagem de língua natural, mas o principalmente, é importante convidar para conviver que ter relacionamento com nossa língua e novo contato com nossa língua que transformam tudo como o humano de uma inteligência. Os surdos são como convidados pelos surdos fluentes ou professores de línguas de sinais ou outras pessoas para convivência da comunidade Surda. Eles sentem de sua confiança que tem pessoas apoiam com aqueles são capazes de desenvolver sua aprendizagem de língua e interagir com social.

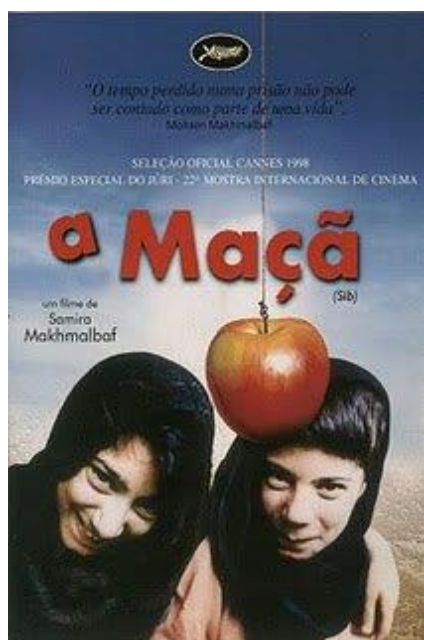
Segundo Sacks (1998, p.44) as crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes na língua de sinais, sejam seus pais, professores ou outros. Por isso as surdas prejudicam o processo de aprendizagem e a aquisição de língua de sinais. É importante que reflexão de conviver com surdos isolados que tornem fluentes em línguas

de sinais, que aconteceram as pessoas isoladas sem língua ou teve língua estranha em contexto histórico dos filmes e do mundo que pensam os surdos acontecem também.

Portanto, o filme é fonte de linguagem, cultura e dependendo do grupo social, se interessará por determinado tipo de filme.

1. A maçã

Figura 4 – Filme “A Maçã”



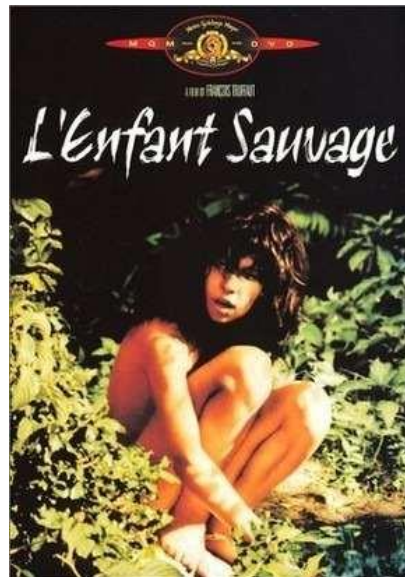
Fonte: Internet

“A maçã” é um filme de 1998. Zahra e Masume são gêmeas de 11 anos, que sofrem nas trancadas em casa pelos pais, que vivem isoladas da sociedade e relatam nesse documentário como vivem e o seu desejo de brincar fora dos portões de casa. As meninas eram mal alimentadas e proibidas de sair á rua, ou nunca ter contato com o mundo. O pai delas é desempregado e obediente ao Alcorão e por esse motivo justificava temer pela pureza de suas filhas. A mãe delas é deficiência visual, sempre depende com o marido. Uma maçã, é como grande motivadora da libertação das meninas. Iniciaram o convívio social, ainda que discretamente, após verem um menino puxando uma maçã. Assim, saíram as ruas, conheceram novas pessoas e brincaram com outras crianças. O filme mostra a vida de uma criança: acordar, estudar, divertir-se, dormir, falar, brincar, interagir

com a convivência, são necessárias para o desenvolvimento cerebral e conhecer novo mundo.

2. O Garoto Selvagem

Figura 5 – Filme “O garoto Selvagem”

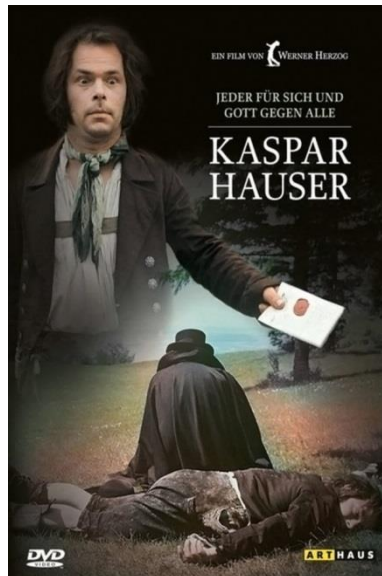


Fonte: Internet

O filme francês O garoto selvagem (L'enfant sauvage), dirigido em 1969 por François Truffaut, o menino foi abandonado, que vivendo com animal selvagem. Ele tem 11 ou 12 anos que não sabia andar, não falar, não ler, não escrever e não entender, o que nunca contato com a raça humana, que é isolamento linguístico e nunca aprender com sociedade. Aquele menino parece surdo e não sabe se comportar. O professor Jean Itard descobriu esse menino selvagem, se interessa, então levou para Paris e foi privado da educação que o professor começa a educá-lo.

3. O enigma de Kaspar Hauser

Figura 6 – Filme “O enigma de Kaspar Hauser”

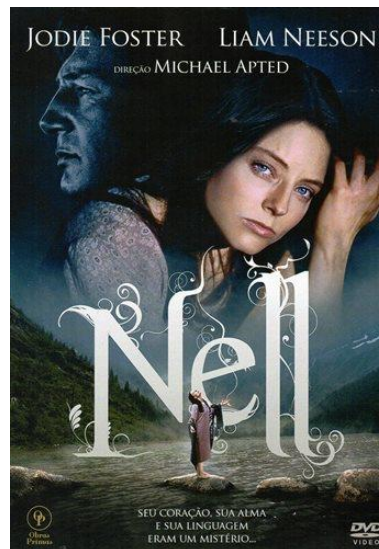


Fonte: Internet

A história de Kaspar Hauser foi retratada do diretor Werner Herzog em Alemanha, 1974. O Baseado em uma história real de um menino que até os 15 ou 16 anos que não sabia falar, nem andar e não se comportava como humano e isolamento social. Há muito tempo ele vivia num cativoiro, numa cela ou masmorra, na zona rural da cidade de Mittelfranken, na Alemanha. Nunca deixou sair na zona rural e nem contato com sociedade, não tem aprendizado de uma língua. Em 26 de maio de 1828, ele foi encontrado no centro da cidade, com uma carta em suas mãos, que explicava um pouco da sua vida. Permanece desconhecido o motivo pelo qual ele havia sido aprisionado quando criança e porque foi solto quando jovem. A sociedade se organiza para ajudar Kaspar, que ele conseguiu falar, escrever, andar, comer sozinho e passou a agir de forma social.

4. Nell

Figura 7 – Filme ‘Nell’



Fonte: Internet

Nell é um filme estadunidense de 1994, do gênero drama, do diretor Michael Apted. A mulher tem mais ou menos 30 anos, foi criada na floresta longe da sociedade no espaço urbano. Ela teve contato somente com sua mãe eremita e sua irmã gêmea falecida entre 6 a 10 anos de idade. Ela não aprendeu a falar corretamente pois sua mãe sofreu de distúrbio neurológico (AVC) e teve aprendizado da linguagem afásica da sua mãe. O médico Dr. Lovell encontrou após a morte da mãe constata, que ela se expressa em um dialeto próprio e não havia contado com outras pessoas, viveu sozinha na cabana da floresta e fala estranha. O Dr. Lovell correu atrás de uma psicóloga Dr^a. Paula para que pudesse ajudar a moça que não sabia se comunicar e nem entender o que acontecera de fato em sua vida. Eles achavam que ela tinha alguma estranheza na fala, que poderia ser consequência de algum problema mental ou doença e precisava de ajudar e cuidar. Eles, durante três meses, observaram a jovem sozinha, em sua casa; tentavam ajudá-la a se integrar na sociedade. Eles percebem que ela era capaz de viver sozinha na floresta, ela era como outra pessoa qualquer, mas com hábitos e costumes diferentes da sociedade.

1.5. A diferença na aquisição de sinais não verbais e sinais verbais pelos surdos

Tradicionalmente, os gestos são entendidos como elementos da linguagem não verbal. A língua de sinais, muitas vezes é reconhecida, também, como linguagem não verbal. Entretanto, como língua de sinais é língua e não uma mera linguagem, e por meio dela, se transmite o verbo, no sentido de significado, de língua, de palavra, a língua de sinais migra para um sistema de linguagem verbal, embora tenha a natureza gestual.

Assim, gestos podem ser identificados como elementos não verbais e sinais da língua de sinais podem ser, grosso modo, analisados como elementos da linguagem verbal. Trata-se, porém, de uma questão complexa e controversa. Não vamos adentrar na questão para fazer essa distinção, contudo, é preciso entender que há gestos convencionados por qualquer grupo.

Há, também, os gestos produzidos naturalmente, sem uma convenção social, por surdos sem contato com línguas de sinais. Esses, em particular, nos interessam. Tanto gestos naturais produzidos por surdos gestuantes, sem uma língua constituída, quanto os sinais produzidos por surdos sinalizantes, com uma língua de sinais constituída pela comunidade falante de língua de sinais, são estruturas que fazem parte e são ativadas no processo de aquisição da linguagem.

Há, portanto, gestos espontâneos ou gestos caseiros, que não são estruturas de uma língua completa, embora possam vir a ser, caso sejam incorporadas por uma comunidade falante de uma língua de sinais. Segundo Assis (2015, p.1), os gestos, os olhares, os desenhos, em suma têm um olhar holístico sobre os modos linguísticos ou não de comunicação.

Os surdos gestuantes e isolados não têm, em princípio, uma língua de sinais. Os sinais não verbais só têm basicamente por comunicação gestual e seus significados de símbolos ou icônicos e a semelhante cinésica. De acordo com Girard (2010; p. 53) a comunicação não-verbal evidenciou que, quando o gesto contradiz o discurso, é a linguagem do corpo que permanece, não a das palavras. Os sinais não verbais produzidos pelos surdos gestuantes ou isolados permanecem sendo utilizados na comunicação gestual; talvez os sinais não verbais não ajudem surdos, o pai do Patrick comunicou gestual com o Patrick, mas nunca aprendeu e nem transformar, por exemplo. Os sinais não verbais não desenvolvem ricamente e permanece a limitação. É como fazer teatro ou mímica, por isso

os surdos criam seus próprios gestos, não convencionados, mas com características e traços semelhantes aos das línguas de sinais; possuem traços de uma língua natural e genuína que pode ser transformada e aberta para conhecer no mundo dos surdos.

Os sinais verbais são das línguas de sinais, o que significa tem palavra, fala, escrita e visual complemente, o desenvolvimento da aquisição de língua de sinais, uma língua materna da comunidade Surda, que característica linguística e linguagem humana.

É evidente que, se uma pessoa aprendeu a língua de sinais como primeira língua, seu cérebro/mente a fixará, e a usará, pelo resto da vida, ainda que a audição e a fala sejam plenamente disponíveis e perfeitas. A língua de sinais, convenci-me então, era uma língua fundamental do cérebro. (SACKS 1998: 48)

Não é o principal os surdos aprendem a primeira língua pela família, é contato com língua de sinais e da comunidade Surda. Os surdos adquirem sua primeira língua é a língua de sinais, começar a aprender seu processo de aquisição de sinais verbais e comunicação verbal. Portanto, a primeira língua e a língua materna são línguas adquiridas das línguas de sinais e do povo Surdo.

Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Estas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros. (QUADROS: 1997, p. 46). Os gestuantes adquiriam os sinais não verbais pela casa e família que inventavam para comunicação, talvez não combina sistema de comunicação, lembrando o pai do Patrick tentou expressar os sinais não verbais, mas o Patrick nunca adquire sua comunicação, é problema de incapacidade de comunicação que não tem como fundamental se comunicar. Outra história de surdos conseguem expressar os gestos para comunicar com qualquer pessoa, tem adquirida comum e não conheceu a organização da regra.

O desenvolvimento adequado de competências linguísticas e comunicativas, a aquisição espontânea da linguagem, com o desenvolvimento intuitivo de regras linguísticas e em contextos sócias naturais motivados linguisticamente, a conexão baseada na experiência entre o uso da linguagem e a formação de conceitos, o desenvolvimento de padrões de linguagem apropriados á faixa etária para auxiliar em uma série de funções (por exemplo, auto - regulação, interação, obtenção e expressão de informação) e, finalmente, o

desenvolvimento de respeito e identidade próprios como pessoa surda.
(RODRIGUES; M.,B, 2004, p. 33).

A linguagem seria o suficiente para mudar a forma como o cérebro processa a aquisição de sinais verbais das línguas de sinais, e o desenvolvimento linguístico. Os sinais não verbais pelos surdos comunicam representados da linguagem corpo, gestos, posturas, expressão facial, movimentos dos olhos, etc. é uma comunicação não-verbal na emissão de qualquer mensagem, mas não é tipo de aquisição, caso não é objetivo verificado de sistema linguística, permanece linguagem corporal, o relacionar com os sinais não verbais.

CAPÍTULO 2

2.1. Tipo de Metodologia: Estudo de Caso

Esta pesquisa é qualitativa e envolve o registro dos seguintes instrumentos a serem submetidos a análise e triangulação: (i) o documentário de um fato real de surdo africano em situação de isolamento; (ii) filmes, também baseados em fatos reais, que envolvem a situação de pessoas privadas do convívio social e de uma linguagem comum, sem interação com a sociedade; (iii) um memorial com experiência pessoal; (iv) um diário de campo uma intervenção em campo com um surdo gestuante da Cidade Estrutural -DF.

Tivemos como objetivos da pesquisa:

1. Pesquisar a aquisição de linguagem por surdos.

Para responder a esse objetivo, buscamos pesquisas que tratam da situação dos surdos, como se desenvolvem e adquirem uma língua de sinais convencional.

2. Fazer um estudo de caso de surdo alfabetizado na Cidade Estrutural, situada em região administrativa do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento, no Distrito Federal, cuja formação deveu-se a uma invasão de catadores de lixo próximo ao aterro sanitário do Distrito Federal.
3. Desenvolver uma pesquisa bibliográfica para avaliação do isolamento linguístico dos surdos na região. A comunicação no relacionamento com surdos que comunicam em gestos, a seguir como observação dos surdos, como eles se entendem a língua de sinais pelos surdos sinalizantes.
4. Desenvolver uma pesquisa documental com filmes que tratam de crianças que não aprenderam com eficiência uma língua com comparação de surdos análise de filmes, seguida da análise deles.

Assim, essa pesquisa analisa, à luz de teorias de aquisição da linguagem, o percurso que surdos gestuantes fazem ao passar dos gestos para os sinais, por meio do estudo de caso realizado com um breve contato com o surdo gestuante da Cidade Estrutural confrontado com os demais instrumentos supracitados, uma proposta que vai ao encontro da perspectiva teórica de aquisição da linguagem gestual dos surdos.

2. 2 Memorial: como eu adquiri a língua de sinais brasileira

Nasci surda profunda em Buriti Bravo, município do Maranhão no Brasil. Fiquei surda por causa de rubéola e ninguém doença, acredito que é hereditária porque tenho duas primas surdas chamam Jeane e Joseane, são netas mais velhas da minha bisavó. Elas vivem no Maranhão. A genética da surdez é por outro parentesco, o avô materno da minha mãe tinha ancestrais surdos. Minha mãe me contou sobre minha bisavó, falou que há muito tempo tinha alguns parentes surdos também, mas já morriam e minha mãe nunca conheceu elas, só sabia existe duas surdas do nossas parentes. Até meu irmão caçula é surdo moderado também. Desde criança tive dificuldade da vida e barreira de aprendizagem na escola dos ouvintes. E era a única aluna surda na escola. Também tive barreiras de comunicação com a família, mas eles sempre tiveram amor, carinho, paciência e esperança.

Meus pais ficavam tristes, porque sou surda, pois eles não sabiam o que fazer comigo; ninguém informou se tem escola para surdos e ninguém conheceu língua de sinais brasileira e nem conheceu cultura surda. Eles pensavam como eu iria aprender? Como seria meu futuro? Eu utilizava apenas gestos que não tinham significado na minha vida. Na escola só treinava escrever como copiar a caligrafia e não sabia significado das palavras; só sabia os nomes da minha família. Minha mãe me obrigou a escrever bem caligrafia; eu treinava caligrafia em casa. Então, fui para a escola; era sempre horrível, porque havia muitas barreiras de comunicação com os professores. Eles nunca tiveram uma boa relação comigo, porque não conheciam o mundo dos surdos. Nunca gostei da escola e os professores nunca me trataram bem como tratavam outros alunos “inteligentes”. Às vezes preferia ficar sozinha; outras vezes, preferia interagir com os colegas. Nunca soube se eles falavam sobre mim coisas boas ou más.

Na minha infância sempre gostei de relacionar com as crianças das vizinhas, que brincavam, sorriam e faziam gestos para interagir comigo; era melhor que na escola. Conheci Jeane, nós conversamos em gestos que é natural senti comunicar com ela que expressou os gestos espontâneos, entendi tudo e compartilhar a nossa vida e nossa amizade. Um dia visitei na casa da vovó, que observei Joseane estava conversando em gesto com outra moça, e sentaram no sofá; sabia que Joseane era surda e perguntei ela que outra não falou também? Ela me respondeu que ela não falou e nem ouviu, essa é minha irmã. Fiquei surpresa que nos somos surdas mais Imaginei que como ser? Fiquei satisfeita com elas que não podem ouvir e nem falar como eu, mas tinha contato com

Joseane mais que Jeane porque ela morou em outro lugar chamado povoado, ela veio aqui na cidade raramente. Um dia Joseane mudou para outro lugar que há tempo agente não vemos.

Numa tarde, fui com minha mãe para uma reunião com professores, em São Luís. Aquela mulher sabia que eu era surda e me deu um livrinho com o alfabeto manual da Libras e alguns outros sinais bem simples. Prestei atenção naquele alfabeto manual. No livrinho havia alguns sinais de cumprimentos em Libras, mas eu não entendia o que significavam aqueles sinais, porque não havia ilustração, só palavras cujo significado eu desconhecia. Então, com aquele livrinho, eu aprendi apenas o alfabeto manual. Depois daquela dia, já estava fazendo 4ª série e minha mãe falou: Leve o livrinho de alfabeto manual da Libras para sua professora na escola. Eu entreguei o livrinho para professora. Ela aprendeu o alfabeto manual e quando eu fazia atividade ou prova que ela me “ajudava”, soletrando as palavras para eu copiar a resposta.

Uma experiência horrível aconteceu quando eu estava cursando a 5ª série. A professora de português dividiu a classe em duplas para leitura. Eu era a única surda. Eu não sabia ler. O colega falou: Professora, a muda não sabe ler! A sala toda ficou sabendo do meu segredo: A muda não sabe ler! E a professora imediatamente mandou meu companheiro de dupla trocar de lugar. Deixaram-me sozinha e eu fiquei com muita vergonha. Eu me senti inferior por perceber que eu era analfabeta. Quando terminou a aula, voltei para casa e me sentia angustiada. Comecei a chorar no meu quarto e minha mãe veio até mim e me viu chorando. Ela fazia gestos e perguntava: O que foi? Eu falei que não queria mais ir para a escola, pois tinha ódio daquela escola. Na verdade, tinha vontade de abandonar na escola, mas minha mãe me obrigava a continuar frequentando a escola.

Hoje eu sei que minha mãe estava com a razão. Então, eu fazia muito sacrifício para frequentar a escola, mas continuava odiando. Mas nem tudo foi ruim. Minha família me amava. Eu brincava muito com meus primos e meus amigos na rua. Em 2007, minha tia Eliã me deu um pequeno dicionário da Língua de Sinais Brasileira, que vinha acompanhado de um CD. Fiquei encantada! Olhei e observei atenta, cada pagina! Estava admirada com tantas informações que agora eu podia entender, pois era um dicionário com muitas ilustrações. Eu estava muito curiosa e muito feliz! Parecia que eu estava entrando em uma vida nova que eu ainda não conhecia. Foi muita emoção para mim! Eu treinei cada sinal do dicionário. Agora, já sabia Libras um pouquinho.

Naquele ano, aconteceu outra coisa fantástica. Conheci uma intérprete chamada Lucia, ela é de Teresina - Piauí, e um professor Surdo chamado Jonhson, de Porto Alegre. O grupo da Secretaria de Educação organizou um curso de Libras e divulgou para as cidades do interior do Maranhão. Eles procuraram alguns surdos que não sabiam Libras e só gestos e convidaram para fazer o curso. Eles deram um pequeno curso de LIBRAS e minha mãe aproveitou e foi comigo. Eu aprendi alguns poucos sinais, mas precisava de mais contato com aquele professor surdo que veio de fora. Esse curso durou apenas três meses e depois desse período o professor surdo foi embora.

Um belo dia, em 2008, eu me mudei para Brasília, capital do Brasil. Naquela época, eu já tinha quase 12 anos de idade e passei a morar com meus tios Mariano e Elda. Já vivo com eles há 11 anos. Meu tio é irmão do meu pai, portanto, cunhado da minha mãe. Eles me apoiam muito e cuidam de mim como filha. Comecei a estudar na Escola Classe 21, em Taguatinga. Quando eu cheguei à escola, me senti muito diferente dos outros colegas surdos, pois eles sinalizavam, os professores sabiam mais libras que aqueles professores que tive na minha infância. percebi que havia um bom relacionamento entre os professores e os alunos. Fiquei muito emocionada com isso. Eu me senti muito feliz por estar em Brasília, onde a vida é muito diferente da vida no interior do Maranhão.

Gostava de ir para escola todos os dias, de assistir às aulas com professoras que sinalizavam e conversavam com os surdos. Eles me ensinavam de manhã e de tarde, pois na escola havia uma sala de recursos com uma professora Surda chamada Adriana Gomes. Ela me ensinou muita coisa incrível e sempre me ajudou. Ela me ensinou sinais e palavras. Aprendi a ler e a escrever com o auxílio das ilustrações dos textos. Ela usava um material didático ótimo para o ensino bilíngue dos estudantes surdos e de outras matérias ensinadas na Escola Classe 21.

De noite, a professora Cinthia Gomes, também surda, me dava aulas particulares de libras, na minha casa, como tutora. Eu aprendi mais sinais com ela e sinalizava, cada dia mais em Libras. Eu treinava todos os dias para aprender novos sinais. Quando eu não conhecia algum sinal, perguntava para ela e ela me explicava o significado do sinal e, também, de palavras do português.

Eu buscava aprender sempre mais. Eu fazia perguntas e “curiava”, querendo saber algo que fosse interessante para ela me ensinar. Ela sempre foi uma ótima professora, maravilhosa! Ela sempre me incentivava a aprender muitas coisas e tinha sempre muita

paciência comigo, pois eu era difícil, teimosa e bagunceira. A Professora Cinthia também me levava para passear e conhecer diferentes lugares e culturas. Minha família confiava muito nela. Ela me ensinou durante 4 anos; era minha melhor professora; foi um ótimo exemplo para mim. Atualmente, ela é uma grande amiga, que me ensina muito o que e o que é a verdadeira amizade.

Consegui aprender Libras rápido, continuei contato com os surdos na escola, na igreja, visita no lugar qualquer quando existem surdos. Meus tios Elda e Mariano aprenderam LIBRAS para se comunicar comigo e me ajudar melhor. Minha tia Elda usou estratégia de alfabetização. Ela colava papel com nomes das coisas na casa toda e isso me ajudou aprender ler muito rápido. Ensinei LIBRAS para meus primos e eu gostava de me comunicar com eles. Estava saudade muito de minha família da Maranhão, as vezes chorei, sempre escrevi uma carta para mamãe, papai e os irmãos. Eles escrevem uma carta para mim também. Minha família estava impressionada por eu ter conseguido aprender a escrever e a ler, se emocionaram!! Os parentes sabiam informação isso, estavam admirando e feliz muito por eu posso escrever, ler e falar em Libras.

Quando estava de férias, viajei para Maranhão que a sociedade estavam me olhando e me admiraram que eu tornei inteligente e capaz de fazer qualquer coisa e era diferente da minha infância no passado e sempre lembrei de Jeane, minha prima e amiga, reencontrei com Jeane, conversamos em gestos que nos acostumando, também ensinei Libras ela, tem interesse por conversa sobre isso e recebeu as informações. Ela decorou alguns sinais que eu ensinei, mas algum dia ela esqueceu, por isso falta de conviver com surdos sinalizantes, na cidade não tem. Ela tem contato apenas por mim por isso problema de período o tempo e também nós moramos distantes.

Depois de anos, eu estudei no CEF 04 em Taguatinga e comecei fazer terapia de falar no CEAL, que treinei cada palavra e as frases que eu falar, mas não gostei demais. Gostei de mais treinar a escrever em português. A fonoaudiológica me ensinou que escrevi as frases em português como linguagem escrita e o desenvolver a escrita correta. Minha tia Eliã trabalhou no CED 06 de Taguatinga, que teve ótima sala de aula de Português como Segunda Língua para surdos e teve professora de fluente em Libras, o nome dela é Sandra Patrícia, então elas conversaram e permitiram que eu entrasse na sala de aula de portuguêsL2 com os alunos surdos do Ensino Médio, fiquei encantada e interesse demais. Ela usou didática material e também Datashow com ilusão (espacial visual) durante a aula que explicou bem e bom relacionamento entre alunos e professora

que temos duvida sobre temas relacionados a português e dicas de regras gramaticais. Ela me ensinou bem e sempre me incentivar a estudar, ler e escrever. Ela me obrigou a ler os livros de qualquer jeito; comecei gostar de ler e queria continuar a treinar a escrita em português.

Um episódio maravilhoso aconteceu no dia em que minhas professoras do CEF 04 me convidaram para fazer um contato com surdos indígenas que tinham ido participar de uma pesquisa linguística na área de línguas indígenas, na Universidade de Brasília – UnB. Precisaram chamar um surdo pra se relacionar com os surdos indígenas e eu tinha sido escolhida. Na ocasião, eu tinha 14 idade, fui pela primeira vez, junto com uma vários estudantes conhecer aquela estrutura imensa da universidade! Foi lindo! Nunca tinha visto nada parecido na minha vida. Durante um tempo, o grupo de linguístico me filmou que estava conversando com os surdos indígenas, porém usei linguagem gestual para eles entenderam. Gostei tanto de conhecer o grupo de indígenas e linguísticos. Minha tia vinha na UnB, ia me buscou quando terminou o encontro com grupos de pesquisadores. Encontrei com Titia Elda, aproveitei conhecer a UnB. Então eu corri pelo corredor do minhocão da UnB, dizia com tia:

- Eu queria realmente estudar neste lugar mesmo.

- Sim, acredite! – ela respondeu.

Recebi a palavra positiva da minha tia Elda. Antes de dormir ao SENHOR Deus por tudo que eu sinalizei. Meu sonho era passar na UnB. Continuando estudar no CEF 04, achei que fiz 7º ano do ensino fundamental. Também continuei estudar português no CED 06, algum tempo depois, me mudei para outra sala de aula de português com professora chamada Hellen, é ótima professora também! Ela sabe fluente em Libras, ensinou bem, explicou bem, deu uns exemplos de frases em português, aconselhou como seguir a regra de gramática e estrutura sintaxe. Amei aprender português, queria continuar treinar a escrever e a ler. Eu sempre escrevo algum errado, é normal porque é minha segunda língua, não é igual da LIBRAS. Mas eu esforçava para aprender que coisa mesma. Depois de anos, fui para o 1º ano do ensino médio que mudei para CED 06 mesmo. Uma dia isso aconteceu que os alunos surdos, professores, outros surdos lideres, qualquer pessoas fizeram uma manifestação no Congresso Nacional em Brasília, eu participei também, que pediram pela criação e manutenção de uma escola bilíngue para

surdos, além de lembrar o Dia Nacional do Surdo, comemorado no dia 26 de setembro e tivemos um marco na luta pela Escola Bilíngue. Depois de anos, desisti no CEAL.

Eu fui aprovada na Escola Bilíngue para Surdos, mudou para escola classe 21 que transformou para escola Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga em 2013, É instituição inclusiva, com alunos com surdez de leve a profunda, com implante coclear, oralizados, codas (filhos não surdos de pais surdos) e etc. A metodologia é visual, com as adequações curriculares necessárias aos surdos. É diferente da outra escola regular porque aprender mais facilidade, explicar em LIBRAS mais claramente, os professores bilíngues e didática material e etc. Depois de anos, teve informação que vai ter um cursinho de pré-vestibular em Libras (gratuito) no INOSEB em W3 Sul –DF, achei que interessante, minha tia achou também e me incentivou para inscrever. Aquele cursinho era de noite, mas minha tia podia sempre me buscar no cursinho quando terminou a aula. Eu durante estudei no cursinho de vestibular há 6 meses. Tem ótimos conteúdos: assistir as aulas das disciplinas, raciocínio lógico, dicas de regras gramaticais, as provas de Redação do Enem, dos vestibulares, os simulados e teste seus conhecimentos. Há quase muitos surdos participavam para dicas para estudar para vestibular. Amei demais naquele cursinho que eu aprendi muita coisa!

Certo dia, fiz uma prova das três etapas do PAS da UnB de 2013 a 2015. Finalmente, pouco concluir o ensino médio, fiz uma prova do vestibular da licenciatura em língua de sinais brasileira /Português como segunda língua. Esperei o resultado dos vestibulares da UnB. Também fiz a prova do Enem 2015, quase passei que teve nota mínima, só passa entrar no SISU, mas não queria. Fiz outra prova do vestibular da IESB Centro Universitário porque só queria simular mais, já fui aprovada. Um dia saiu o resultado do PAS quando via na internet da CESPE UnB de lista de aprovados, fiquei emocionando que EU PASSEI NA UNB!!! Fiquei feliz, era curso de saúde coletiva na Campus Ceilândia UnB, não era opção esse curso porque não tem curso de Letras Libras do CESPE UnB. Mas não teve problema que eu vou estudar esse curso na UnB que depois mudar para outro curso que eu queria fazer curso de Letras Libras. Não acreditei que o saiu resultado do vestibular da língua de sinais brasileira /português L2 - LSB /PSL, FUI APROVADO TAMBÉM! Eu imaginei: EU PASSEI NA UNB DUAS VEZES, fiquei feliz muito!! Deus é perfeito demais! Deus sabe realmente tudo que eu tinha sonho então aconteceu isso. Sou grato ao SENHOR Deus sempre. Há 3 anos, eu estou estudando na UnB mas vou me formar desse ano e um dia chegará minha formatura!

2.3. Elementos para o estudo de caso

Segue o diário de campo a partir do qual foi possível triangular os dados, também com um estudo de caso, ainda que breve, da situação do surdo gestuante com o qual tivemos contato, na Cidade Estrutural- DF. Além dele, há alguns outros surdos em situação de isolamento e sem língua, na mesma região.

Na busca de entender como ocorre o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem desse surdo gestuante, escolhemos algumas estratégias para aplicar a ele, em contatos que tivemos a oportunidade de ter ao longo dessa pesquisa.

Encontrar-me com um deles contribuiu para levá-lo a participar de um grupo de surdos que compartilha com os outros surdos fluentes em língua de sinais, informações e as experiências que existiam na Cidade Estrutural e em outras cidades do Distrito Federal.

Na cidade Estrutural há uma escola inclusiva com intérprete de LIBRAS para atender aos alunos surdos. Também uma igreja batista com intérprete de libras e um surdo fluente em língua de sinais. Há, contudo, muitos outros surdos que têm faltado aos encontros na igreja. No entanto continuam a chamar outros surdos gestuantes para relacionar com intérprete e os surdos sinalizantes na igreja. Tem alguns surdos fluentes que moram na Cidade Estrutural, mesmo, Esses surdos trabalham e estudam na escola ou em cursos fora da Cidade Estrutural. Há tempo que convivem com os surdos no espaço da Brasília que já desenvolvem suas vidas. Há alguns surdos que ficam um lugar mesmo, não como esses surdos têm que sair para conhecer novos lugares e fazer novos amigos.

2.4 - Diário de campo com surdo morador da Cidade Estrutural

No dia 13 de abril, pela manhã, minha amiga Lúcia, intérprete da língua de sinais brasileira, que trabalha em um projeto de alfabetização de surdos na Cidade Estrutural – DF, onde também oferece curso de Libras e português como segunda língua para ensinar a ler e a escrever, surdos da igreja Batista da região, me convidou a conhecer os surdos que vivem na Cidade Estrutural.

Fomos à igreja e esperamos os surdos chegarem. Eles não chegaram e achamos estranho. Não sabemos o que aconteceu. Então, decidimos visitar um surdo amigo, fluente em

língua de sinais, que sabe ler e escrever o básico e frequenta escola na Cidade Estrutural, que tem intérprete de Libras.

Chegamos à casa dele, mas, em seguida, ele pediu desculpas porque tinha um compromisso. Sorrimos e saímos. Então, saímos de carro para convidar mais uma surda para ir junto com a gente. Essa surda é gestuante. O surdo sabe onde ela mora, então no orientou a como chegar até a casa dela. Era um caminho que tinha muita lama, também havia pedras. Estacionamos o carro e fomos andando até a rua da casa dela. Batemos na porta e o pai dela atendeu e disse que a filha estava numa festa de páscoa, com crianças na igreja católica. Ele disse que iria chama-la.

Demorou para ela voltar para casa, então fomos até a igreja e nos encontramos com ela lá. Dissemos que iríamos fazer um grupo de surdos, mas ela nos pediu para esperar, porque ela ia ganhar uma caixa de chocolate.

Aquela jovem surda era muito simpática. Quando me viu, me deu um abraço, sorriu e fez gestos. Há mais ou menos 30 anos, mora com a família dela. Para agilizar, ela pediu a caixa de chocolate a uma senhora e explicou que precisava ir. Terminada a festa, fomos embora andando.

Voltamos para casa dela, ela trocou outra roupa, achamos que não precisava, mas ela queria. Voltamos a andar para pegar o carro. A partir daí fomos para Ceilândia – DF para participar de um evento do Projeto PAS – Pais de Surdos, um projeto que acolhe famílias de surdos. O projeto PAS tem grupos de surdos, pais, filhos, famílias, e o evento aconteceu com diversas atividades: serviços, conscientização e o respeito às pessoas surdas, sua língua (LIBRAS), sua cultura e inclusão.

Havia vários estandes: cidadania, saúde, beleza, educação e lazer. Tudo muito interessante! Aquela surda tem coragem de conversar em gestos com qualquer pessoa, cumprimenta e abraça todos que encontra. Ela parece mesmo ser muito simpática, mas precisa ter conhecimento, só ela sente livre e expressa para falar qualquer coisa. Ela observou outros surdos sinalizando, e foi também até onde que eles estavam conversando. Ela interagiu em gestos com surdos que entendem e mostraram um sorriso. Os surdos perceberam que, por algum motivo, aquela surda não sabe língua de sinais e imaginaram que ela mora num lugar distante. Ela me acompanhou, conversou comigo, comeu pipoca e apresentei as colegas surdas para ela. Percebi que ela gostou daquele lugar e sentiu-se

livre pra relacionar-se socialmente. Quando já estava no fim, voltamos para deixá-la em casa.

No dia 15 de junho, pela manhã, fui à igreja batista, na Estrutural, onde os surdos teriam aula. Eu havia sido convidada para falar sobre “Higiene Pessoal”. Havia dois surdos fluentes em língua de sinais, moradores da Estrutural mesmo. Eles frequentam essas aulas oferecidas gratuitamente na igreja.

Ao chegar à igreja, a Lucia e seu amigo surdo tinham ido buscar um surdo que tem entre 30 e 35 anos e não sabe Libras. Eu fiquei com dois surdos, dei uma aula de higiene pessoal, discutimos com surdos sobre esse tema e dei dica que eles não sabiam. Havia preparado um material em PowerPoint para apresentar a eles, com informações e ilustrações, bem visual.

O surdo gestuante chegou à igreja, minha amiga o apresentou para conhece-lo e me deixou conversando com ele. Comuniquei com gestos que ele entendeu, apresentei meu sinal e outros. Expliquei que nós temos os sinais e perfis para administrar; não sei se ele entendeu que aquele sinal significa um nome na comunidade surda. Temos de esperar para ver se entendem. Nós sentamos, e mostrei, no meu celular, os slides de higiene pessoal, em Libras, e ensinei a ele. Ele observou os slides do powerpoint no meu celular. A cada slide tem imagem com alfabeto e sinal. Ele copiou a treinou a cada os sinais dos slides. Também dei uma dica de como cuidar de sua saúde, tomar banho, escovar os dentes, escovar os cabelos etc. Voltei aos slides anteriores e mostrei novamente para ver se ele se lembrava dos sinais. Perguntava: o que é isso? Qual é esse sinal em Libras? Ele me respondeu a maioria. Alguns sinais ele esqueceu. Talvez não entendesse ou não usava. Por exemplo, mostrei um rolo de papel higiênico e perguntei a ele:

- _ Que é isso? Qual é esse sinal?
- _ É passar no cabelo, ele me respondeu
- _ Não. É limpar o ânus quando fazer cocô no banheiro, – fiz expressão corporal.

Ele ficou quieto, talvez não entendeu o que eu dizia então chamei um amigo e mostrei um exemplo, usou gestos e mimica: Quando alimenta, depois o tempo que fazer cocô no vaso e usar papel higiênico para limpar a bunda. Então perguntamos de novo

- _ entendeu?

Mas ele ficou quieto, não teve resposta afirmativa para sabermos se entendeu, talvez fingiu. Nós achamos estranho e imaginamos que ele nunca teve a oportunidade de experimentar. Então explicávamos novamente tudo. Ele sorriu, porque nós mostrávamos com gesto e mímica e gestos.

Não tivemos a certeza de que ele teria entendido o que nós explicávamos, mas tenhamos paciência. Ele parecia ter dificuldade de aprendizagem, com atraso de linguagem, por que talvez, nunca tenha ido para a escola, pois só viveu no isolamento. Mostrei o próximo slide, uma imagem de desodorante. Perguntei a ele:

_ O que é isso? Qual é o sinal?

Ele observou essa imagem e ficou quieto. Um amigo teve a ideia de buscar seu desodorante e perfume na sua mochila para mostrar a ele. Tive a ideia de usar a estratégia de mostrar produtos de higiene para ver se ele entendia melhor que as ilustrações. Mostramos o sinal de desodorante, ele não copiou o sinal em Libras, ele mexeu e experimentou o desodorante. Também mostramos um perfume e seu sinal. Ele experimentou o cheiro de perfume, não gostou. Então mostrei outro slide de imagem sabonete, e perguntei o mesmo de sempre:

_ “É lavar cabelo” – Ele me disse com gestos.

Sorrimos, chamei o amigo, pedi que buscasse um sabonete no banheiro para mostrar a ele para saber o que era um sabonete para limpar a pele e o corpo, porque ele já usou.

Outro slide tinha a imagem de um pote de shampoo. Esse sinal é acima da cabeça, com movimento de esfregar a cabeça. Um amigo explicou em gesto e classificadores que usou a mostrar os produtos hígienes.

_ Dei um exemplo: Quando estou sujo com mau cheiro, preciso tomar banho, usar sabonetes para cada parte do corpo, depois pegar shampoo para lavar o cabelo bem, com mão, massageia o couro cabeludo e enxágua novamente. Depois, pega uma toalha para secar e vestir a roupa cheirosa, escovar os dentes, usar escovar o cabelo, usar desodorante e perfume para ficar bonito e cheiroso.

Figura 8 – Surdo gestuante de Estrutural-DF



Fonte: Lúcia Sousa

_ Sorriu, e fez expressão engraçada.

Um amigo explicou um exemplo descritivo como usa produtos de cuidados faciais específicos para corpo, usou estratégia de classificados e gestos. Talvez ele não tem interesse por esse tema e tentávamos explicar estratégia para ele. Dei uma atividade de higiene em Libras simplesmente, só tem as imagens que procura os sinais. Nós respondíamos juntos, só eu mostrei essa imagem, qual é esse sinal. Ele conseguiu responder, mas ele confundiu com sinais: Shampoo e Sabonete. Ele pensou que sabonete é lavar o cabelo e shampoo é lavar o corpo, respondeu errado. Expliquei de novo que esses sinais: shampoo (lavar o cabelo) e sabonete (lavar o corpo). Perguntei novamente:

- _ O que é um sabonete? Qual é o sinal?
- _ Lava o corpo.
- _ Sim, certo (aplauzo) é shampoo? Sinal?
- _ Lavar o cabelo
- _ certo (aplauzo)

Ensinei mais alguns vocábulos em Libras, novamente, para ver se ele conseguia a decorar os sinais de higiene matinal. Perguntei quais são os sinais de cada imagem. Ele me respondeu que sabia esses sinais. Às vezes confundiu o sinal de sabonete com o de shampoo.

Figura 9 – Atividade Visual



Fonte: Marques

Depois ele pintou os desenhos da sua atividade. Quando acabou, mostrei a atividade dele para a Lúcia. Ela ficou admirada por ele ter conseguido entender e responder essa atividade, embora simples.

Dia 22 de junho – Demos uma aula de 1 hora, porque tínhamos outro compromisso em seguida. Eram dois surdos fluentes em libras e um professor de matemática que dava uma aula básica de matemática. A Lúcia e o surdo foram buscar o mesmo surdo gestuante, do encontro anterior. Fiquei esperando na igreja e admirando aquele professor ensinar matemática, escrevendo no quadro branco.

Chegaram à igreja. O surdo tomou banho, tomou café e depois fomos conversar. Conversávamos por gestos. Então, ele sentou-se diante da mesa e começou a desenhar no seu caderno. Depois, iniciamos aquela aula, que seria mais curta. A Lúcia mostrou uma atividade de higiene, a mesma do sábado anterior. Ela perguntou pelos sinais dos desenhos e ele respondeu, lembrando-se de quase todos. Confundiu-se, como antes, sabonete e shampoo. Então, explicamos novamente cada sinal de sabonete e shampoo. Mas ele atrapalhou a aula, só queria falar em gestos sem parar, depois voltávamos para a

aula, então Lúcia ensinou a treinar cada sinal do perfil e escreveu nossos nomes no quadro pequeno. Tentávamos explicar seu sinal do perfil, meu sinal, o sinal dela, mas ele não entendeu e atrapalhava a aula; falava muito. Ele não ficou calado; falou muito em gestos, sobre a vida, o passado, a família. Tínhamos paciência com ele. Porque era apenas seu segundo encontro conosco. Ele demorava entender claramente.

No dia 29 de junho, chegamos à igreja Batista da Cidade Estrutural, eu e a minha amiga Lúcia e suas colegas para nos apoiar. Estávamos esperando os alguns surdos chegarem. Enquanto isso, tomamos café e compartilhamos a roda de conversa e aprendemos Libras. Num instante chegaram à igreja e, vários surdos. Eu, Lúcia e outro surdo fluente em Libras, fomos buscar o surdo gestuante. Primeiro observamos na casa dele se estava, mas ele não estava em casa. Então, já sabiam que ele estava na rua. Andamos muito procurando por ele, Achamos. Voltamos à igreja, ele tomou banho, trocou de roupa e tomou café. Depois, ele desenhou no seu caderno de desenho, porque ele costuma ficar menos ansioso quando pinta, por que, às vezes ele fica inquieto.

Mais relaxados, começamos as atividades. Ele pintou escolhendo as cores que já havíamos ensinado a ele, mas não prestou atenção. Tentávamos ensinar os sinais de cores. Depois vamos revisar os sinais de hígienes, e se ele lembrou os sinais então eu mostrei os slides do powerpoint no meu celular, ele observou as imagens que perguntei qual esse sinal e ele lembrou alguns sinais. Ele expressou por gestos, tentou me dizer alguma coisa, me mostrando a parede de cor azul. Eu fiz o sinal da cor azul e repeti o sinal. Ele me copiou. Então, mostrei o slide próximo de imagens e os produtos: escova de dente e creme dental. Aproveitamos para ensinar como escovar os dentes e usar pasta dental; perguntei ele se sabia como usar escova de dente, mas ele se manteve em silêncio. A Lúcia mostrou exemplos e modelos de atividade para ele copiar o modelo.

Lúcia pegou sua escova de dentes e creme dental e mostrou como usar escova de dente que ele achou já sabe e copiou faz igual e conseguiu escovar os dentes no banheiro e viu no espelho. Acabou, a Lucia ensinou como usar enxaguante bucal e mostrou como fazer, achamos que ele sabe por isso falou que é bom, mas não queria usar porque os dentes estão doendo. Então voltamos para aula, eu e Lúcia tentamos ensinar o perfil sinal próprio e mostramos nossos nomes que buscamos um quadro branco pequeno, escrevemos nossos nomes, ele sabe escrever seu nome no quadro, porém não conseguiu entender que seu sinal do perfil. Ele sabe seu nome e conseguiu soletrar. Nós mostramos sinais próprios e o sinal dele. Ele começou a inventar sinais. Ele aparentou dificuldade em perceber alguns

sinais. Ele saiu da aula, pegou café então acabamos de aula. Arrumávamos uma festinha de aniversário da Lúcia e também o fim de cursinho no sábado, demos os parabéns e fizemos os agradecimentos. Comemos, compartilhamos experiência e batemos um papo. A Lúcia tentou ensinar para o surdo gestuante o sinal de cada pessoa no perfil do celular. Ele conseguiu lembrar alguns.

CAPÍTULO 3 – ANALISE DE DADOS

3.1. Analogia com os filmes que tratam de contato entre línguas: uma análise intuitiva e retrospectiva

Os filmes escolhidos nos mostram a importância do processo da aquisição de linguagem pelos humanos que não têm uma língua própria, caso dos surdos sem línguas de sinais. Os filmes são relacionados da aquisição de linguagem e relacionar com sociedade que tem influência para aprendizagem de uma língua. Tem objetivo de refletir o sobre de aquisição de linguagem em pessoas isoladas do convívio social ou distancia do convívio social, fazemos uma analogia com a pessoa surda, privada das interações sociais, por não ter acesso a uma língua.

O filme “A Maça” são chamadas Zahra e Masume, que nascem na cidade, mas nunca foram à escola e nunca saíram de casa. Como elas se conseguem comunicar sozinhas? Os surdos nascem na cidade, mas nunca levam para escola que ninguém aprender uma língua, só permanece em casa como aqueles gêmeas que só permanecem em casa, o casa seu pai proibiu que elas saíssem de casa e brincassem com as crianças na rua e na escola. Os surdos não aprendem a conviver com os surdos, o pai de gêmeos visitou sua casa que ele narrou com as meninas, mas nunca comunicar com pai parece a fechada de expressar e teve barreira de relação familiar, o caso de pai tem mente fechada e sua mãe é cega que não pode fazer nada, como seria a relação entre gêmeos e os gêmeos? Os surdos sempre têm barreira de comunicação com família e têm dificuldade em seu relacionamento familiar.

Segundo Cruz (2014, p.2), Adquirir uma linguagem é de suma importância para nossa afirmação na sociedade. A língua está diretamente ligada à cultura, à identidade e à comunicação, e é no nosso lar que damos os primeiros passos para a aquisição da linguagem por meio de nossos pais e do contato com mundo a nossa volta. Com os surdos, muitas vezes, esse contato com pais ouvintes é precário.

Zahra e Masume não aprenderam sua língua materna do pai, porque falta de relacionamento para comunicação, contato com as crianças na rua, na escola, e participar no convívio social. O pai delas tem contato um pouco com as meninas, quase nada. No entanto elas não conseguem a desenvolver para aprender a língua. Os surdos vivem com

famílias que têm dificuldade de relacionamento, sentem-se sozinhos como aquelas gêmeas isoladas no convívio social. As gêmeas precisam de aprender a relacionar com as crianças e os surdos precisam de aprender a relacionar com os surdos fluentes. A história de Kaspar Hauser que foi aprendido a língua pela sociedade, antes de nunca aprender a língua quando viveu num cativo que não sabe andar e nem comportava, parece selvagem, quando ele foi solto na outra cidade sem motivo, então as pessoas se pudessem ajudar ele e conseguiu integrar na sociedade. Admiramos como ele conseguiu a aprender rápido, por isso a sociedade tem influencia forte para outras pessoas conseguem a conviver social, cada pessoa aprender a falar sozinha? É impossível, o principalmente conviver, interagir com povo para conhecer suas línguas, suas culturas, seus costumes, suas políticas mais forte. O Kaspar começou o contato com língua e aprender a falar.

Esse despertar para o contato humano, esse despertar para o mundo dos significados compartilhados, da língua, levou a um súbito e brilhante despertar de toda a sua mente e sua alma. (SACKS, 1998; p. 65)

Portanto, a importância de línguas em contato e relacionamento convivido social levam-nos a abrirem suas mentes. Sacks analisa a relação de Kaspar com a língua que aprendeu tardiamente:

Kaspar demonstrou, de início, uma prodigiosa capacidade de percepção e memória, mas a percepção e a memória eram exclusivamente para coisas específicas – ele parecia ao menino tempo brilhante e incapaz de apresentar um pensamento abstrato. No entanto, ao aprender a língua, ele adquiriu a capacidade de generalizar e, com isso, passou de um mundo de inúmeras coisas específicas sem conexão para um mundo relacionado, inteligível e inteligente. (SACKS, 1998: 66)

Kaspar foi capaz de aprender tudo, por isso mudou-se para a sociedade e aprendeu a relacionar-se com as pessoas, compartilhado conversas, informações, narrativas, argumentava e mostrou conhecimento de língua.

Também nos lembra essa relação com a sociedade, a história das gêmeas Zahra e Masume viveram na cidade, mas em isolamento social, pois estiveram muito tempo presas em casa. Kaspar esteve preso em cativo como aquelas gêmeas trancadas em casa.

Os surdos gestuantes, na maioria das vezes, reagem da mesma forma, permanecem inertes no mesmo lugar, não saem de casa, não viajam para outras cidades, não saem de interior ou fazenda. E isso nos lembra, também, Nell, que viveu numa cabana, em meio à floresta,

isolada, por anos, apenas em contato de sua mãe, que nunca a levou para conhecer a cidade. Aprendeu a língua por meio do contato com a mãe afásica. E a irmão que tinha, também a perdeu. Victor, garoto selvagem que viveu na floresta com os animais, sem nenhum contato com os humanos, deixados sozinhos em lugares distantes da civilização, isolados, sem ninguém para ajudá-lo. Assim, isolados, são os surdos inocentes, vítimas da privação do contato com pares linguísticos que poderiam interagir com eles.

Segundo Vygotsky (1984, p.33) “o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa por outra pessoa”. Esses filmes demonstram exatamente a ausência desse contato; pessoas que nunca aprenderam a língua, no caso a distancia de contato com humanos, perdem ou são privados da relação entre mundo e humano.

[...] a linguagem humana, sistema simbólico fundamental na medição entre sujeito e objeto de conhecimento, tem, para Vygotsky, duas funções básicas: a de intercâmbio social e a de pensamento generalizante. Isto é, além de servir ao propósito de comunicação entre indivíduos, a linguagem simplifica e generaliza a experiência, ordenando as instâncias do mundo real em categorias conceituais cujo significado é compartilhado pelos usuários dessa linguagem. Ao utilizar a linguagem para nomear determinado objeto estamos, na verdade, classificando esse objeto numa categoria, numa classe de objetos que têm em comum certos atributos. A utilização da linguagem favorece, assim, processos de abstração e generalização. (OLIVEIRA, 1992, p. 27).

Quando um menino puxou uma maçã e persuadiu as meninas que buscavam maçã para saírem as ruas, conheceram novas pessoas e brincaram com outras crianças. Lembrando que Kaspar mudou para cidade, começou o contato com língua, antes de um homem quer que o jovem aprenda a ler e a escrever então ele lhe dá papel e tinta que aprende a escrever seu nome, Kaspar Hauser. Também ensinou para Kaspar que aprendeu a andar. Depois o homem retira Kaspar no cativo e o deixa numa cidade próxima Nuremberg, em 1828, com uma carta para o oficial da guarda. As pessoas encontram Kaspar na praça que verem sua carta sobre sua história, pensaram que alguém deixou ele sozinho, o portanto ajudou Kaspar, conviveu com família, com o padre que ele ampliou o vocabulário, aprendeu a comportar-se e aprendeu a tocar piano. O professor Jean Itard buscou um garoto que viveu na floresta, levou para cidade que aquele tornou capaz de aprender tudo, aprender a ler e escrever, o processo de ensinamento e aprendizagem com o garoto. O Victor aprende sua experiência e conhecimento da sociedade e na cidade.

Portanto, os filmes mostram que as pessoas apoiam para aqueles que não sabem falar, buscam, levam para conviver com sociedade que conseguem desenvolver a aprender, assim os surdos isolados deixam sozinha sem ajuda ou apoio por isso a comunidade Surda

apoia e desafia para aprender a língua de sinais. Porque a sociedade tem influencia forte e a língua tem poder, por tudo aprender a viver é assim a convivência da sociedade e inclusão.

Sobre Nell adquiriu a linguagem usada pela sua mãe, talvez não vai mudar a aprender outra língua da civilização, porque já acostumando desde infância na floresta. O médico Lovell ter encontrado e convivido com Nell, também com psicóloga Paula, observaram durante 3 meses e perceberam que ela foi capaz de aprender a língua utilizada pela civilização, pois agora possuía o estímulo e a convivência com essa linguagem. Mas, Nell desenvolveu a linguagem usada pela mãe. O filme mostra que não só Nell aprendeu com o médico Lovell e com psicóloga Paula, como os dois personagens civilizados também aprenderam convivendo por três meses com Nell, sua própria linguagem. Também explorarem como ela viveu na floresta sozinha. Mostraram que Nell é liberdade e tem felicidade ficar sozinha na floresta que comunica normal e relação social norma. O médico Lovell e psicóloga Paula aprenderam a linguagem própria da Nell para tentar a entender sua comunicação. Nell conseguia relacionar os pensamentos com a linguagem que aprendeu a falar e, conseguiu explicar ao médico e psicóloga. Por isso, principal fundamento é pensamento e linguagem que tudo possível de logico.

3.2. A influência de língua de sinais no desenvolvimento da linguagem e do pensamento dos surdos

As línguas de sinais têm poder, a comunidade Surda tem poder, determinado pela língua de sinais, língua própria do Povo Surdo, com cultura, política, identidade, direito, educação, empoderamento, e conhecimento linguístico, recebido via visual e experimentado por um mundo surdo, repleto de imagens, emoções e significados.

Acreditamos que o Patrick desenvolveu, aprendeu língua de sinais pela convivência com as pessoas surdas, e os personagens dos filmes, sem o contato com o mundo que tem pessoas civilizadas apoiaram e influenciaram sua língua para as pessoas isoladas aprenderam e transformaram civilizadas pela sociedade.

A importância da comunidade Surda que precisam de defender para os surdos isolados nos lugares distantes ou, regiões que fortaleceram a união da comunidade Surda, são sempre participantes que aprendem juntos. A língua de sinais é preciosa para as pessoas

surdas que terem suas mentes abertas para nova conhecer no mundo dos Surdos. A influência de língua de sinais é uma desenvolvida pelos indivíduos surdos que assegura uma comunicação completa naturalmente e integral. Lembramos que a língua de sinais brasileira - LIBRAS, baseando-se primeiramente na Língua de Sinais Francesa, juntos com INES, de gestos já utilizados pelos surdos brasileiros. Depois mudaram para língua de sinais brasileira, é língua própria e gramática própria do Brasil que é o período de tempo foi influencia e mudou uma língua própria. A possibilidade de influência da língua de sinais nos gestos dos surdos isolados, quando tocados pela língua de sinais, quando passam a conviver com a comunidade Surda é determinante na aceitação imediata do uso da Língua de Sinais.

3.3. Análise dos dados à luz da fundamentação teórica

A relação entre a teoria e prática mostra que existe um período crítico para a aquisição da linguagem e que é necessário um convívio social, sendo a interação social e a troca comunicativa, pré-requisitos básicos para a aquisição da linguagem. As gêmeas do filme, que por mais que as meninas retomaram o contato com o social, pois foram onze anos aprisionados, sem contato com o mundo e sem aprendizagem. Os surdos isolados devem retomaram o contato com os surdos fluentes em Língua de sinais. Se alunos sinalizantes se tentam a ajudar, incentivam a conviver com a comunidade Surda, mas as vezes os surdos isolados não querem conviver, as vezes porque os surdos não aprenderam com convívio social surdo, descobriam que é exclusão social, as vezes pode tornar mendigo, ou permanece isolada, ou selvagem, ou seria pessoa normal que pode seria linguagem usada que se acostumada desde o tempo viveu num lugar distante, lembrando Nell que não é mulher selvagem, mas viveu isolada na floresta e tem linguagem própria. Talvez os surdos seriam como Nell, alguns surdos usam gestos na região e viveu normal com sua família. Os surdos têm exclusão social dos surdos,

Que tem proporcionar para convivências surdas, o grupo de surdos sinalizantes que precisam de incentivar surdos isolados para conviver o contato com língua de sinais, visitam para encontrar, levam para conhecer os lugares e fazer novos amigos, chamar para sair juntos, relação comunicação que a comunidade surda é importante para o desenvolvimento dos indivíduos surdos, a língua de sinais tem relação de língua, linguagem e pensamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o Mito da Caverna, metáfora criada pelo filósofo grego Platão no livro “A República”, pessoas que vivem numa caverna podiam enxergar sombras do outro lado da caverna, devido à luz da fogueira, mas têm medo de sair da caverna para conhecer o que está por trás das sombras, a novidade. Certa vez, uma pessoa presa nesta caverna conseguiu se libertar das correntes e saiu para o mundo exterior, para ver a luz do sol, ver a floresta, as árvores, ver os pássaros que voam, os rios, as frutas, animais e a diversidade de cores e sentiu-se livre para fazer coisas diferentes. Teve nova vida fora da caverna. No entanto, ele quis voltar para a caverna e contar as novidades, descobertas e compartilhar com os outros prisioneiros das informações e experiências que existem no mundo exterior. Infelizmente, as pessoas que estavam na caverna não acreditaram nas coisas que ele contava, no que aconteceu lá fora. Chamaram-no de louco e mataram o fugitivo.

Os surdos gestuantes, muitas vezes são assim, ficam apenas em casa, com a família. Eles precisam “fugir de casa”, pois nunca foram a uma escola de surdos, não participam de associações de surdos e da igreja. Talvez alguma família não apoiou a pessoa surda. Ao contrário, a família não esforça para buscar informações sobre o mundo dos surdos, que motive a pessoa surda a conhecer o mundo exterior; nunca sabem o que existe no mundo exterior, fora de casa, não conhecem as novidades, as maravilhas, outras informações, as crenças, cultura surda, educação dos surdos e língua de sinais, é sua língua valorizada mas nunca quer curiosidade sobre o mundo dos surdos, como aqueles homens que moram na caverna que nunca terem visto o mundo exterior nem a Luz do Sol. Essa parábola Mito da Caverna é, enfim, como os surdos ou as famílias dos surdos. A educação precisa ter mente aberta e mudar a sua realidade, e entender o mundo dos Surdos.

Para se estudar a aquisição da linguagem é preciso adentrar em suas teorias da gestos pelos surdos isolados que quebram a barreira de mente fechada, para entender como acontece com os surdos sem língua, os filmes bastante utilizados pelos pesquisadores da área da linguística e, portanto, importantes para o aprendizado e para ilustrar as teorias abordadas, na prática.

No Brasil e no mundo, muitas pesquisas sobre aquisição da linguagem têm sido realizadas, porém ainda há muito a pesquisar sobre esse tema que envolve surdos gestuantes isolados.

Os surdos gestuantes vivem à margem da comunidade surda, distantes, por não terem adquirido a língua de sinais, que é um bem gratuito, uma língua valorizada, mas ainda ausente da convivência de alguns surdos. Os surdos gestuantes precisam enfrentar a barreira da comunicação e os surdos sinalizantes precisam resgatá-los. É preciso pensar no potencial que têm e nas consequências do atraso na aquisição da linguagem, o que os impede de comunicar, ter acesso ao conhecimento e de interagir socialmente. É de extrema importância o convívio com a comunidade surda; é preciso motivá-los a interagir com os surdos sinalizantes, contribuindo para que os surdos se desenvolvam plenamente. É importante que os processos linguísticos sejam ativados para o desenvolvimento do sujeito surdo.

Muitos surdos chegam em idade avançada no ambiente escolar, sem uma língua adquirida e sem aprendizagem e o ensinamento adequado. A escola ainda não está preparada e, muitas vezes, o professor também não está, não tem o treinamento adequado para promover essa inclusão. O que se percebe nas instituições de ensino é uma ausência de compromisso com as questões linguísticas que cercam a vida dos surdos, permitindo que as barreiras comunicativas se perpetuem. Precisamos mudar essa realidade.

REFERÊNCIAS

A MAÇÃ, (Doc). Direção: Samira Makhmalbaf ? Roteiro: Mohsen Makhmalbaf. Coleção Cult Filmes. Irã: 1998. 60 minutos.

ALBARES, Raquel Servino da Silva; BENASSI, Claudio Alves. **Comunicação gestual caseira e Libras: semelhanças e diferenças oriundas das necessidades comunicacionais**. Em: Revista Diálogos: linguagens em movimento. Ano III, N. I, jan.-jun., 2015.

ASSIS, Cláudio. **GESTOS, COGNIÇÃO E SURDEZ: a importância dos gestos espontâneos para os usuários de Libras**. Disponível em: http://www.ufjf.br/ebapem2015/files/2015/10/gd13_claudio_assis.pdf. Acesso em: 22 mar. 2019.

BEHARES, Luiz Ernesto; PELUSO, Leonardo. **A língua materna dos surdos**. Revista Espaço, Rio de Janeiro: INES, n. 6, p. 40-48, mar. 1997.

CRUZ, Raquece. **O processo de aquisição da linguagem na perspectiva dos pais de alunos surdos**, 2014. Disponível em: <http://editora-araraazul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3%C3%82%C2%BA%20Artigo%20para%20Revista%2014%20de%20autoria%20de%20RAQUECE%20CRUZ.pdf> Acesso em: Abril, 2018.

GIRARD, Véronique; Chalvin, Maria, J. **Um corpo para compreender e aprender**/ Véronique Girard e Maria Joseph Chalvin. – Edições Loyola, São Paulo, 2001.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RODRIGUES, Cassio; Tomich, Lêda, M.,B. **Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares**/Cassio Rodrigues, Lêda Maria Braga Tomitch...[et al.]. – Porto Alegre: Artmed, 2004.

RECTOR, Mônica. **Comunicação do Corpo** / Mônica Rector, Aluizio R. Trinta. - Editora, Ática, 1990. 88p.

SACKS, Oliver W.,1933. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*/ Oliver Sacks; tradução Laura Teixeira Motta. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WUNDT, W. *The language of gestures*. The Hague, Mouton, 1973.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1988.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo. Martins Fontes, 1984.